

Prática da automedicação entre acadêmicos de enfermagem durante a pandemia de covid-19

Practice of self-medication among nursing academics during the covid-19 pandemic

Ruth Silva Lima da Costa¹ 
Ana Cássia de Araújo Galdino² 
Giovana da Silva Macedo³ 

Margarita Tajane Figuerôa Hernandez⁴ 
Alessandre Gomes de Lima⁵ 

¹Autora para correspondência. Centro Universitário Uninorte (Rio Branco). Acre, Brasil. ruttilyma@gmail.com

²⁻⁵Centro Universitário Uninorte (Rio Branco). Acre, Brasil. anacassiagaldino@gmail.com, giovanamacedo28@gmail.com, magtajane@gmail.com, alessandregomes@hotmail.com

RESUMO | OBJETIVO: Avaliar a prática da automedicação entre acadêmicos do curso de enfermagem durante a pandemia de COVID-19. **MÉTODOS:** trata-se de um estudo de abordagem quantitativa, realizado com acadêmicos do último ano do curso de enfermagem de um centro universitário do Acre, que atuaram na linha de frente do combate ao COVID-19 nas unidades hospitalares, em decorrência de estágio curricular obrigatório. **RESULTADOS:** a maioria se encontrava na faixa etária de 18 a 28 anos (80,8%), do sexo feminino (80,8%), solteiros (84,6%), cor da pele parda (69,2%), renda familiar de um a três salários mínimos (73,1%). Costumavam se automedicar (61,5%) e não foram influenciados quanto a prática da automedicação (34,6%). Os principais medicamentos utilizados eram os suplementos (65,4%), medicamentos naturais (42,3%) e azitromicina (38,5%). A maioria se sentiu sobrecarregado durante o período do estágio (61,5%), no entanto, não se automedicaram com medicamentos específicos a fim de evitar contrair COVID-19 ou realizaram o tratamento precoce (69,2%). A maior parte não se infectou com a doença durante o desenvolvimento das atividades práticas (69,2%). Frente aos riscos da automedicação a maioria demonstrou possuir conhecimento (92,3%), destacando-se como principais a intoxicação (34,6%), a dependência medicamentosa (26,9%) e a resistência microbiana (26,9%). **CONCLUSÃO:** a prática da automedicação ocorreu no período pandêmico na população estudada, porém não foi influenciada pela sobrecarga das práticas hospitalares, pois já era uma conduta comum entre eles. Nesse sentido, se faz necessário a conscientização através de atividades educativas, introduzidas nas instituições de ensino, para que resulte no uso racional de medicamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Automedicação. Acadêmicos de Enfermagem. COVID-19.

ABSTRACT | OBJECTIVE: To evaluate the practice of self-medication among students of the nursing course during the COVID-19 pandemic. **METHODS:** This is a study with a quantitative approach, carried out with students in the last year of the nursing course at a university center in Acre, who acted on the front line of the fight against COVID-19 in hospital units as a result of the mandatory curricular internship. **RESULTS:** the majority were between 18 and 28 years old (80.8%), female (80.8%), single (84.6%), brown skin color (69.2%), and family income of one to three minimum wages (73.1%). They used to self-medicate (61.5%) and were not influenced by the practice of self-medication (34.6%). The main medicines used were supplements (65.4%), natural medicines (42.3%), and azithromycin (38.5%). Most felt overwhelmed during the internship period (61.5%), however, they did not self-medicate with specific medications in order to avoid contracting COVID-19 or performed early treatment (69.2%). Most did not become infected with the disease during the development of practical activities (69.2%). Concerning the risks of self-medication, the majority demonstrated knowledge (92.3%), standing out as the main ones, intoxication (34.6%), drug dependence (26.9%), and microbial resistance (26.9%). **CONCLUSION:** the practice of self-medication occurred during the pandemic period in the studied population, but it was not influenced by the overload of hospital practices, as it was already a common behavior among them. In this sense, it is necessary to raise awareness through educational activities introduced in institutions of teaching so that it results in the rational use of medicines.

KEYWORDS: Self-medication. Nursing Academics. COVID-19.

Introdução

Ao longo dos anos, a automedicação vem se tornando um grave problema de saúde pública em decorrência da facilidade na aquisição de medicamentos e do seu uso indiscriminado, sem a orientação médica. Ela é praticada independentemente da classe social e econômica do indivíduo e pode ocasionar uma série de riscos à saúde da população, principalmente entre os que possuem maior nível de informação como os estudantes universitários, que têm se configurando como um grupo muito susceptível a essa prática.^{1,2}

Dados da literatura vêm apontando o alto consumo de medicamentos entre estudantes universitários de cursos distintos — sem a devida orientação de um profissional habilitado —, sendo que os sintomas físicos de estresse e ansiedade, produzidos pelas demandas acadêmicas e extensas horas de estudo, podem contribuir fortemente para a prática. Nesse grupo, destacam-se os estudantes dos cursos da área de saúde, que em função do maior conhecimento que possuem sobre o mecanismo de ação dos medicamentos, tornam-se mais propensos à prática.^{3,4}

Resultados de um estudo publicado sobre essa temática apontaram que os estudantes da área de saúde apresentaram uma taxa de automedicação maior ao longo do curso de acordo com as disciplinas cursadas, o que estaria relacionado a sua carga de conhecimento acerca de qual medicamento seria mais recomendado para cada tipo de doença.⁵

As consequências desse ato podem ser graves, uma vez que fazer combinações inadequadas de medicamentos pode trazer o agravamento de doenças, do próprio quadro clínico, além de intoxicações ou mesmo resistência medicamentosa. Alguns medicamentos tendem a potencializar ou anular o efeito do outro, causar reações alérgicas, dependência e até levar ao óbito.⁶

Com o advento da nova doença, conhecida popularmente como COVID-19, que se caracteriza como uma infecção que afeta o trato respiratório, causando a síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2), e que pela Organização Mundial da Saúde (OMS) foi considerada como pandemia, a prática da automedicação entre a população aumentou consideravelmente, tendo em vista o medo que causou na população mundial.⁷

Mediante a isso, devido ao comportamento epidemiológico da doença, grande parte da população optou por não buscar atendimento presencial por receio de se contaminar, levando a um aumento da prática da automedicação nesse período. Um estudo que demonstrou o aumento da busca por informações sobre medicamentos na rede de pesquisa do Google durante a pandemia destaca que esse ato pode resultar em efeitos indesejados e ser nocivo ao usuário.^{8,9}

Por outro lado, os profissionais de saúde, bem como os estudantes da área em práticas acadêmicas, que atuaram durante os períodos mais críticos da pandemia, se sentiram sobrecarregados devido à superlotação das unidades de saúde e as intensas e exaustivas jornadas de trabalho. Isso, associado ao conhecimento sobre os mecanismos de ação dos fármacos, por vezes levava à prática da automedicação.¹⁰

Em face do exposto, considerando que a análise do consumo de medicamentos sem a devida prescrição médica pode contribuir para a aplicação e desenvolvimento de futuros estudos de intervenções, principalmente entre estudantes universitários, e aliando-se ao fato de que no Brasil, em especial na região Norte, existem poucas pesquisas sobre essa temática, o presente estudo justifica a sua relevância.

Nesse sentido, objetivou-se avaliar a prática da automedicação entre acadêmicos do curso de enfermagem durante a pandemia de COVID-19.

Metodologia

Trata-se de um estudo de abordagem quantitativa, realizado com acadêmicos do último ano do curso de enfermagem de um centro universitário do Acre, que atuaram na linha de frente do combate ao COVID-19 nas unidades hospitalares, em decorrência do estágio disciplinar obrigatório.

Os participantes foram previamente identificados pela relação de matriculados, cujas informações foram obtidas junto à coordenação do curso após a aprovação da pesquisa pelo comitê de ética. Posteriormente, os pesquisadores marcaram uma reunião como os alunos, em sala de aula, a fim de orientar sobre o objetivo do estudo e identificar os estudantes que aceitassem participar da pesquisa.

Pelos registros da coordenação havia 35 discentes matriculados no 9º período. Depois da realização da reunião, apenas 26 concordaram em participar da pesquisa, havendo uma recusa de nove estudantes.

Sendo assim, a população do estudo foi composta por 26 acadêmicos de enfermagem, de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 18 anos, devidamente matriculados no 9º período de enfermagem e que atuaram na linha de frente do combate ao COVID-19 durante estágio curricular obrigatório. O método de seleção da amostra se deu por conveniência, no qual os participantes foram convidados a participar do estudo. Foram excluídos 9 que não aceitaram participar do estudo.

Após a confirmação da participação foi enviado aos participantes um link do google forms com o termo de consentimento livre e esclarecido, que foi devidamente assinado e devolvido eletronicamente pelos participantes, bem como o link do questionário elaborado pelos próprios pesquisadores contendo questões abertas e fechadas sobre a prática da automedicação e os dados sociodemográficos dos participantes.

O instrumento de coleta de dados foi testado por 10 indivíduos com boa compreensão, que não faziam parte da amostra, e a coleta de dados com os participantes teve uma duração média de 20 minutos para o seu preenchimento.

A digitação dos dados ocorreu duplamente em planilhas do Excel, versão 2019, a fim de verificar possíveis inconsistências, e na sequência foram exportados para o Programa Statical Package for the Sciences (SPSS) versão 20.0. Mesmo tendo sido feitas perguntas abertas, essas foram compiladas e os resultados demonstrados quantitativamente. As variáveis foram organizadas em forma de quadros, aplicando-se estatística descritiva simples, com distribuição de frequências.

A pesquisa foi fundamentada nas recomendações da Resolução de nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, que rege sobre a realização de pesquisa com seres humanos, e foi submetida ao comitê de ética e pesquisa local, tendo sido aprovada através do parecer nº 5.421.306.

Resultados

Os dados evidenciados no Quadro 1, no que se refere à idade dos participantes, demonstram que a maior parte se encontrava entre 18 a 28 anos, 21 (80,8%), pertenciam ao gênero feminino, 21 (80,8%), estado civil solteiro, 22 (84,6%), cor da pele parda, 18 (69,2%), e renda familiar de um a três salários mínimos, 19 (73,1%).

Quadro 1. Dados sociodemográficos de estudantes do ano último de enfermagem de um centro universitário do Acre em 2022 (n =26) (continua)

Variável	N	%
Idade		
18 - 28 anos	21	80,8
29 - 39 anos	4	15,4
39 - 49 anos	0	0
50 anos ou mais	1	3,8
Gênero		
Feminino	21	80,8
Masculino	5	19,2

Quadro 1. Dados sociodemográficos de estudantes do ano último de enfermagem de um centro universitário do Acre em 2022 (n =26) (conclusão)

Variável	N	%
Estado civil		
Solteiro (a)	22	84,6
Casado (a)	3	11,5
União estável	1	3,8
Cor da Pele		
Branco (a)	6	23,1
Amarelo (a)	1	3,8
Negro (a)	1	3,8
Pardo (a)	18	69,2
Renda Familiar		
Menos de 1 salário mínimo	2	7,7
De 1 a 3 salários mínimos	19	73,1
Mais de 4 salários mínimos	5	19,2

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Nos dados expostos no Quadro 2, evidencia-se que quanto à prática da automedicação entre estudantes do ano último de enfermagem de um centro universitário do Acre, a maior parte deles a realiza em seu dia a dia, representado por 16 participantes (61,5%), quando necessário, 8 (31%) e de duas a quatro vezes por semana, 5 (19%). A maioria não foi influenciado para o consumo, 9 (34,6%) e a decisão de se automedicar foi própria, 9 (34,6%). No que se refere aos principais medicamentos utilizados destacaram-se os suplementos, 17 (65,4%), os medicamentos naturais, 11 (42,3%) e azitromicina, 10 (38,5%).

Quadro 2. Prática da automedicação entre estudantes do ano último de enfermagem de um centro universitário do Acre em 2022 (n =26) (continua)

Variável	N	%
No seu dia a dia você costuma se automedicar?		
Sim	16	61,5
Não	10	38,5
Com que frequência você se auto medica?		
Todos os dias	0	0
Uma vez na semana	1	4,0
De duas a quatro vezes na semana	5	19,0
Mais de cinco vezes na semana	2	8,0
Quando necessário	8	31,0
Não se aplica	10	38,0
Foi influenciado por alguém para se automedicar?		
Sim	7	26,9
Não	9	34,6
Não se aplica	10	38,5

Quadro 2. Prática da automedicação entre estudantes do ano último de enfermagem de um centro universitário do Acre em 2022 (n =26) (conclusão)

Variável	N	%
Quem o influenciou para a prática da automedicação?		
Amigos	2	7,7
Família	3	11,5
Profissionais de saúde	2	7,7
Decisão própria	9	34,6
Não se aplica	10	38,5
Principais medicamentos utilizados		
Ivermectina	6	23,1
Azitromicina	10	38,5
Prednisona	3	11,5
Amoxicilina	5	19,2
Dexametasona	2	7,7
Suplementos para aumento da imunidade	17	65,4
Antidepressivos	1	3,8
Medicamentos naturais	11	42,3
Analgésicos	4	15,4

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Quanto à prática da automedicação durante realização de estágio supervisionado a maioria dos participantes, 16 (61,5%), se sentiu sobrecarregado, pois o estágio ocorreu durante o período pandêmico, sendo que durante a prática mesmo com a sobrecarga a maior parte não se automedicou com o chamado “Kit Covid” para evitar contrair a doença e/ou como tratamento precoce, 18 (69,2%) (Quadro 3).

Quadro 3. Prática da automedicação durante realização de estágio supervisionado entre estudantes do último ano de enfermagem de um centro universitário do Acre em 2022 (n =26)

Variável	N	%
Durante as práticas de estágio na pandemia se sentiu sobrecarregado?		
Sim	16	61,5%
Não	10	38,5%
Durante o estágio se automedicou com o “Kit Covid” para evitar contrair a doença e/ou como tratamento precoce?		
Sim	8	30,8
Não	18	69,2
Foi infectado (a) pelo vírus da COVID-19 durante o estágio?		
Sim	8	30,8
Não	18	69,2

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

No que se refere ao conhecimento da prática da automedicação, a maioria verbalizou conhecer os riscos, 24 (92,3%), destacando-se a intoxicação, 9 (34,6%), a dependência medicamentosa, 7 (26,9%), a resistência microbiana, 7 (26,9%), e as reações adversas, 3 (11,5%) (Quadro 4).

Quadro 4. Conhecimento da prática da automedicação entre estudantes do ano último de enfermagem de um centro universitário do Acre em 2022 (n =26)

Variável	N	%
Você conhece os riscos da automedicação?		
Sim	24	92,3
Não	2	7,7
Quais os riscos da automedicação que você conhece?		
Intoxicação	9	34,6%
Dependência Medicamentosa	7	26,9%
Resistência Microbiana	7	26,9%
Reações Adversas	3	11,5%

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Discussão

Foram analisados dados da prática de automedicação entre estudantes de enfermagem. Em consonância com os achados desta pesquisa, um estudo com objetivos semelhantes evidenciou que a maioria dos estudantes em atividades acadêmicas e expostos a prática da automedicação, também pertencia ao sexo feminino e a faixa etária variou entre 18 e 45 anos, com média de 22,74 anos.¹¹

Esse dado pode ser justificado pelo fato de que a maioria dos cursos de enfermagem no Brasil é composto por mulheres, assim como a faixa etária está relacionada ao período em que a maioria dos jovens estão cursando o nível superior.¹² No que se refere à cor da pele, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a maioria dos brasileiros se autodeclara da cor parda.¹³

Quanto à renda familiar, corroborando os nossos achados, um estudo evidenciou que os participantes com renda entre um e dois salários mínimos são mais propensos a se automedicarem.¹⁴ Esse resultado pode estar relacionado ao fato de que o poder aquisitivo da população, torna mais fácil o acesso aos medicamentos vendidos indiscriminadamente nas farmácias.

Achados em estudos realizados com estudantes de enfermagem sobre a prática da automedicação evidenciaram que, em consonância com os resultados da presente pesquisa, a maior parte dos acadêmicos também fazia uso da automedicação frequentemente.^{4,12} Essa conclusão pode estar relacionada à realidade em que o aluno está inserido. A autoconfiança pela crença de que o conhecimento adquirido sobre o mecanismo de ação dos fármacos sustenta a sua seleção correta, o fato de terem contato diário com pacientes em tratamento com determinado medicamento e experiências anteriores bem-sucedidas podem contribuir para o exercício da automedicação entre eles.^{15,16}

No que se refere à influência na automedicação, os resultados dessa pesquisa revelam que a maioria dos estudantes não foi influenciado para a prática. Esse achado está em consonância com o resultado encontrado em um estudo, também desenvolvido por estudantes universitários, no qual a maioria fez uso do medicamento a partir de seu próprio conhecimento, por já tê-los utilizado previamente.¹¹

Dados da literatura evidenciam que quando há a prática de automedicação os fármacos mais utilizados são os analgésicos, e que isso ocorre devido ao seu fácil acesso em estabelecimentos comerciais.¹⁷ No entanto, de forma divergente, os achados dessa pesquisa evidenciam que os suplementos e os medicamentos naturais foram os mais utilizados pelos participantes. Isso pode ser justificado pelo fato de que o país enfrentava uma pandemia de COVID-19, na qual se acreditava que o aumento da imunidade poderia colaborar para o enfrentamento da doença.

Nesse mesmo sentido, uma pesquisa realizada sobre a ocorrência de automedicação na população brasileira como estratégia preventiva para SARS-CoV-2 evidenciou que grande parte da população relatou se automedicar com o intuito de fortalecer a imunidade.¹⁸

Destarte, o estágio curricular do estudante de enfermagem que ocorreu durante a pandemia foi capaz de favorecer a possibilidade de vivenciar experiências únicas, contribuindo para o desenvolvimento da identidade profissional dos estudantes, capacitando-os à tomada de decisões e empoderamento, tendo em vista estar atuando em um ambiente de emergência crítica.¹⁹

Dessa forma, devido as atividades terem sido desenvolvidas em período pandêmico, surgem grandes possibilidades de haver sobrecarga, fato esse comprovado na presente pesquisa e que está em consonância com os achados de um estudo realizado na Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, no qual os estudantes que realizaram estágio curricular obrigatório durante a pandemia se sentiram sobrecarregados pelo aumento das demandas, além de evidenciarem o receio de insucesso e medo de contágio.²⁰

Embora a maioria dos participantes dessa pesquisa verbalizou fazer uso da prática da automedicação, a maioria deles não se automedicou com o “kit-covid” a fim de evitar a contaminação pelo vírus e/ou realizar o tratamento precoce da doença. De forma divergente, um estudo realizado com profissionais de saúde do Quênia evidenciou que a maioria deles relatou o desejo de se automedicar por conta da pandemia do COVID-19, sendo que a maior parte alegou ter feito uso de medicamentos por conta própria por apresentarem sintomas sugestivo de COVID-19.²¹

Ante a questão da contaminação pela doença durante a realização das práticas, a maior parte dos participantes do presente estudo não foi infectada, isso pode estar relacionado ao fato de que a prática hospitalar só foi liberada após todos os estudantes estarem imunizados com pelo menos uma dose da vacina contra a doença, bem como treinamento prévio ofertado pela coordenação do curso sobre paramentação e desparamentação, e oferta de equipamentos de proteção individual (EPIs) a todos os estudantes para serem usados durante a prática.

Não foram encontrados registros na literatura sobre dados de contaminação de estudantes de enferma-

gem durante as práticas acadêmicas no período pandêmico, no entanto, um estudo que avaliou de forma geral, a infecção nos profissionais de saúde no Brasil durante a pandemia, evidenciou que um total de 41.030 profissionais de enfermagem foram contaminados, destes 449 evoluíram para óbitos, e com maior acometimento na classe de técnicos em enfermagem.²²

Em consonância com esses resultados, estudos realizados com estudantes de enfermagem encontraram resultados semelhantes, no qual a maioria deles afirmou realizar a automedicação, ter conhecimento dos riscos, efeitos colaterais e contraindicações de medicamentos e mesmo assim continuaram com a prática.^{11,23}

Sendo assim, o conhecimento dos estudantes sobre os riscos da automedicação pode estar relacionado ao saber adquirido durante a formação. Contudo, esse fator não foi decisivo, uma vez que a maioria deles, apesar de conhecer os riscos, são adeptos da prática.

Um outro estudo realizado com 694 estudantes de nível superior indicou que a maior parte dos participantes realizou o consumo medicamentoso indiscriminadamente, e os analgésicos foram os mais utilizados.²⁴

De forma controversa, um estudo intitulado Automedicação em acadêmicos: um estudo transversal, realizado com estudantes de enfermagem, evidenciou que 69,33% deles praticam a automedicação, sendo os analgésicos os medicamentos mais utilizados, no entanto, dos acadêmicos que se automedicaram, 48,6% não souberam informar os riscos desta prática.¹

Como já mencionado anteriormente, a prática da automedicação pode trazer inúmeros riscos à saúde. Dados do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (Sinitox/Fiocruz) registrou que no Brasil no ano de 2017, ocorreram cerca de 20 mil casos de intoxicação por uso indiscriminado de medicamentos e 50 mortes decorrentes desse fato. Essa prática inapropriada ocasiona diversos riscos à saúde do indivíduo, dentre os quais estão: reações alérgicas, interações medicamentosas, mascaramento de doenças, atraso no diagnóstico, resistência bacteriana, dependência química, intoxicações e até mesmo a morte.²⁵

Esses achados reforçam a relevância do combate ao uso irracional de medicamentos e à prática

inapropriada de automedicação com posologia e terapêutica inadequadas, mesmo entre estudantes de enfermagem e profissionais de saúde.

Este estudo apresentou limitações de amostra, tendo em vista que foi realizado com um número reduzido de participantes, pelo fato de ter sido avaliado apenas um período do curso e pela análise estatística ser apenas descritiva. Novos estudos devem ser realizados com uma maior amostra e nova metodologia para resultados mais consistentes.

Conclusão

Diante do exposto, foi possível analisar que existe a prática de automedicação por parte dos acadêmicos da área da saúde durante a pandemia de COVID-19. O consumo indiscriminado de medicamentos, ato realizado por decisão própria pela maioria dos universitários, obteve destaque.

A maioria se sentiu sobrecarregado durante o período do estágio, contudo, se automedicaram com o intuito de evitar contrair a doença. Podemos considerar que a maior influência para a automedicação pode ocorrer devido à segurança em ser acadêmico de curso superior em saúde. Percebe-se também que todas as classes de medicações mencionadas são utilizadas, algumas em maior percentual que outras.

No decorrer dos resultados encontrados pôde-se perceber a efetivação dos objetivos, avaliando a presença da automedicação entre os universitários, suas motivações e/ou influências, assim como as classes medicamentosas utilizadas.

Nesse sentido, sugere-se que as instituições de ensino implementem em sua programação ações que possam levar a conscientização através de atividades educativas voltadas aos estudantes, para que resulte no abandono do uso indiscriminado de medicamentos.

Contribuições dos autores

Galdino ACA, Lima AG, Macedo GS e Hernandez MTF participaram da concepção, delineamento, coleta de dados da pesquisa, interpretação, busca e análise de dados e redação do artigo científico. Costa RSL participou da concepção, delineamento, submissão do projeto ao Comitê de Ética e Pesquisa, interpretação dos dados, busca e análise estatística dos dados da pesquisa, interpretação dos resultados e redação final do artigo científico.

Conflito de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

Indexadores

A Revista Enfermagem Contemporânea é indexada no [DOAJ](#) e [EBSCO](#).

EBSCO

DOAJ

Referências

1. Cerqueira GS, Leite ICPCR, Furtado MMSCA, Rocha SS, Mariz SR, Oliveira TL, et al. Automedicação em acadêmicos: um estudo transversal. Boletim Informativo Geum [Internet]. 2016; 7(1):19-27. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/geum/article/view/2275>
2. Sousa L, Andrade Sena C. Automedicação entre universitários dos cursos de graduação na área da saúde na FCV-Sete Lagoas: influência do conhecimento acadêmico. Rev. Bras. Ci. Vida. 2017;5(1).
3. Santos TS, Almeida MM, Pessoa EVM, Pessoa NM, Siqueira HDS, Silva JMN, et al. Prática da automedicação entre acadêmicos do curso de enfermagem de uma instituição de ensino superior. Scientia Plena. 2018;14(7). <https://doi.org/10.14808/sci.plena.2018.076501>

4. Gama ASM, Seconi SR. Automedicação em Estudantes de Enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. *Rev. Gaúcha de Enferm.* 2017;38(1):e65111. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.01.65111>
5. Rathish D, Wijerathne B, Bandara S, Piumanthi S, Senevirathna C, Jayasmana C, et al. Pharmacology education and antibiotic self-medication among medical students: a cross-sectional study. *BMC Res Notes.* 2017;10:337. <https://doi.org/10.1186/s13104-017-2688-4>
6. Tognoli TA, Tavares VO, Ramos APD, Batigália F, Godoy JMP, Ramos, RR. Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis–São Paulo. *J Health Biol Sci.* 2019;7(4):382-386. <http://dx.doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v7i4.2571.p382-386.2019>
7. Lana RM, Coelho FC, Gomes MFC, Cruz OG, Bastos LS, Villela DAM, et al. Emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva. *Cad. Saúde Pública.* 2020;36(3):e00019620. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00019620>
8. Silva AF, Jesus JSP, Rodrigues JLG. Automedicação na pandemia do novo coronavírus. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação.* 2021;7(4):938-943. <https://doi.org/10.51891/rease.v7i4.1038>
9. Onchonga D. A Google Trends study on the interest in self-medication during the 2019 novel coronavirus (COVID-19) disease pandemic. *Saudi Pharm J.* 2020;28(7):903-904. <https://doi.org/10.1016%2Fj.jsps.2020.06.007>
10. Monteiro TMQ, Souza VKS, Silva BTM, Nascimento GA, Santana MP, Silva MMR, et al. Os impactos da pandemia na vida dos profissionais de enfermagem: uma revisão integrativa. *Brazilian Journal of Health Review.* 2022;5(3):8059-8073. <https://doi.org/10.34119/bjhrv5n3-004>
11. Araújo AFL, Ribeiro MC, Vanderlei AD. Automedicação de psicofármacos entre estudantes universitários de odontologia e medicina. *Revista Internacional de Educação Superior.* 2021;7:e021037. <https://doi.org/10.20396/riesup.v7i0.8659934>
12. Souza LAF, Silva CD, Ferraz GC, Sousa FAEF, Pereira LV. Prevalência e caracterização da prática de automedicação para alívio da dor entre estudantes universitários de enfermagem. *Rev. Latino-Am. Enfermagem.* 2011;19(2):245-251. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692011000200004>
13. Petrucci JL, Saboia AL, organizadores. Características étnico-raciais da população: classificações e identidades [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2013. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>
14. Bú EA, Alexandre MES, Bezerra VAS, Sá-Serafim RCN, Coutinho MPL. Representações e ancoragens sociais do novo coronavírus e do tratamento da COVID-19 por brasileiros. *Estud. psicol. (Campinas).* 2020;37:e200073. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200073>
15. Kumar N, Kanchan T, Unnikrishnan B, Rekha T, Mithra P, Kulkarni V, et al. Perceptions and practices of self-medication among medical students in Coastal South India. *PLoS ONE.* 2013;8(8):e72247. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0072247>
16. Silva WBH, Côrtes EMP, Silva WGR, Ferreira MA, Machado PRF, Lopes JS, et al. razões jovens universitários da área de saúde a fazerem uso de automedicação? *Glob Acad Nus.* 2021;2(2):e143. <https://dx.doi.org/10.5935/2675-5602.20200143>
17. Santos T, Zattar T, Alencar B, Aleixo M, Costa B, Lemos L. Automedicação entre estudantes de enfermagem e medicina no Brasil: revisão integrativa. 2022;11(2): e54111213760. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i2.13760>
18. Souza MNC, Ricardino IEF, Sampaio K, Silva MR, Lima APG, Fernandes DL, et al. Ocorrência de Automedicação na população brasileira como estratégia preventiva ao SARS-CoV-2. *Research, Society and Development.* 2021;10(1):e44510111933. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11933>
19. Soccol KLS, Santos NO, Marchiori MRCT. Estágio Curricular Supervisionado no contexto da COVID-19 e o desenvolvimento profissional de estudantes de enfermagem. *Enferm. Foco.* 2020;11(2):148-151. <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2020.v11.n2.ESP.4173>
20. Moreira CL, Tonon TCA. Desafios de estudantes concluintes do curso de bacharelado em enfermagem, diante do estágio supervisionado e a pandemia da Covid-19. *Research, Society and Development.* 2021;10(7):e25710716640. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i7.16640>
21. Onchonga D, Omwoyo J, Nyamamba D. Assessing the prevalence of self-medication among healthcare workers before and during the 2019 SARS-CoV-2 (COVID-19) pandemic in Kenya. *Saudi Pharm J.* 2020;28(10):1149-1154. <https://doi.org/10.1016/j.jsps.2020.08.003>
22. Rabito L, Vaz M, Lima B, Pascoal M, Maitan M, Souza V et al. Perfil do número de contaminação e óbito dos profissionais de enfermagem acometidos pela COVID-19 no pico da pandemia. *Research, Society and Development.* 2022;11(4):e36911427339. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i4.27339>
23. Andrade DRS, Santos JC, Couto GBF, Santos JM, Pereira RA, Dias AK, et al. Automedicação entre universitários da área da saúde no interior do Tocantins. *Scire Salutis.* 2021;11(3):108-117. <https://doi.org/10.6008/CBPC2236-9600.2021.003.0014>
24. Lima PAV, Costa RD, Silva MP, Souza Filho ZA, Souza LPS, Fernandes TG, al. Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas. *Acta Paul Enferm.* 2022;35:eAPE039000134. <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2022A0000134>
25. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Evolução dos casos registrados de intoxicação humana por agente tóxico [Internet]. 2017. Disponível em: https://sinitox.icict.fiocruz.br/sites/sinitox.icict.fiocruz.br/files/Brasil10_1.pdf